

# As Relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil

Recebido: 04-11-2015

Aprovado: 11-12-2015

*Joseph Handerson<sup>1</sup>*  
*Rose-Myrlie Joseph<sup>2</sup>*

## **Resumo:**

Este artigo analisa as dinâmicas migratórias das mulheres haitianas na França e no Brasil. O texto articula-se a partir de três dimensões: 1) a trajetória de vida das mulheres haitianas no Haiti, na França e no Brasil; 2) as lógicas do processo de decadência de status social e profissional dessas mulheres a partir de suas experiências migratórias na França e no Brasil; 3) as relações de gênero, de classe, de raça e de nacionalidade no contexto migratório dessas mulheres. A pesquisa etnográfica, a observação participante, as entrevistas, notadamente as quatro trajetórias de vida (Laurette e Keli na França, Yolette e Anne no Brasil) analisadas substantivamente neste artigo iluminam e evidenciam como se articula as relações de gênero, de classe e de raça no espaço da migração (trans)nacional haitiana, mostrando como algumas mulheres haitianas tinham um status social e profissional da classe média no Haiti, possuíam empregadas domésticas nas próprias casas, desprezavam o serviço doméstico, e por sua vez ao chegarem na França e no Brasil, elas se tornaram empregadas domésticas, tiveram uma decadência profissional e de status social. Assim, a partir dessa experiência vivenciada no exterior, algumas dessas mulheres migrantes haitianas construíram uma visão crítica em relação ao serviço doméstico, no que tange à sua dimensão material e simbólica.

**Palavras-chave:** Migração, Mulheres haitianas, França e Brasil.

## **Resumen:**

Este artículo analiza las dinámicas migratorias de las mujeres haitianas en Francia y Brasil. El texto se articula a partir de tres dimensiones: 1) la trayectoria de vida de las mujeres haitianas en Haití, en Francia y en Brasil; 2) las lógicas del proceso de decadencia de estatus social y profesional de esas mujeres, a partir de sus experiencias migratorias en Francia y en Brasil; 3) las relaciones de género, de clase, de raza y de nacionalidad en el contexto migratorio de esas mujeres. La investigación etnográfica, la observación participante, las entrevistas, sobre todo las cuatro trayectorias de vida (Laurette y Keli en Francia, Yolette y Anne en Brasil) analizadas sustantivamente en este artículo iluminan y evidencian cómo se articulan las relaciones de género, de clase y de raza en el espacio de la migración (tras)nacional haitiana, mostrando cómo algunas mujeres haitianas que tenían un estatus social y profesional de la clase media en Haití, poseían empleadas domésticas en las propias casas, despreciaban el servicio doméstico, a su vez, al llegar a Francia y a Brasil, ellas mismas se tornaron empleadas domésticas, tuvieron una decadencia profesional y de estatus social. De esta forma, a partir de esa experiencia vivenciada en el exterior, algunas de esas

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ com doutorado Sanduíche na École Normale Supérieure (ENS) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris; Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Coordenador do Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados/UNIFAP; Coordenador de Pós-Graduação e de Pesquisa do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB)/UNIFAP. E-mail: handersonj\_82@yahoo.es

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Université Paris 7 e Doutora em Estudos de Gênero pela Université de Lausanne; Professora e pesquisadora do Departamento das Ciências Sociais da Université Paris 7. Membro do Laboratório de Changement Social et Politique (LCSP) e membro do Centre d'Enseignement, de Documentation et de Recherche pour les Études Féministes (CEDREF). Pós-doutoranda em Sociologia e estudos de Gênero na Université Paris 7 Diderot.

mujeres migrantes haitianas construyeron una visión crítica en relación al servicio doméstico, en lo que refiere a su dimensión material y simbólica.

**Palabras-clave:** Migración, Mujeres haitianas, Francia y Brasil.

**Abstract:**

This paper analyzes the migration dynamics of Haitian women in France and Brazil. The text is structured using three dimensions: 1) the trajectory of life of Haitian women in Haiti, France and Brazil; 2) the logic of social and professional status and the process of devolution these women experience due to migration to France and Brazil; and 3) the relations of gender, class, race, and nationality in the migratory context of these women. Utilizing ethnographic research, participant observation, interviews—notably those of four women (Laurette and Keli in France, Yolette and Anne in Brazil)—this paper examines, illuminates, and demonstrates how to articulate the relationship of gender, class, and race in the migratory experience of (trans) Haitian nationals. This paper shows how the drastic shift in class experiences of some Haitian women—many of whom were of middle class statuses in Haiti, social positions that allow them domestic workers. These same women, upon arriving in France and Brazil, themselves became maids and devolved both in professional and social standing. This paper centers on the knowledge gained from their migration experiences as some Haitian migrant women built a critical view of the very social structures that construct their realities.

**Keywords:** Migration, Haitian Women, France and Brazil.

## Introdução

Este artigo ilumina o universo migratório das mulheres haitianas a partir de dois espaços (trans) nacionais – França e Brasil –, em escalas temporais diferentes, tendo em vista que a migração haitiana na França é datada desde a década de 1960, e é mais antiga que o processo migratório haitiano no Brasil (o grande fluxo iniciou em 2010, mas há registros da presença de haitianos no Brasil desde a década de 1980)<sup>3</sup>. Além do aspecto temporal, o artigo privilegia dois horizontes diferentes: 1) o das mulheres migrantes haitianas na França que estão inseridas numa tradição migratória haitiana desde o século passado; 2) o das mulheres migrantes haitianas no Brasil, tal experiência deve ser compreendida a partir das novas configurações migratórias (desde 2010) na América do Sul, particularmente no Brasil.

Segundo os dados oficiais do Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (MHAVE, a sigla em francês), aproximadamente entre 4 a 5 milhões de haitianos estão

---

<sup>3</sup> Este presente artigo apresenta resumidamente parte dos argumentos desenvolvidos em duas teses de doutorado, a da socióloga haitiana Rose-Myrle Joseph (2015), intitulada, “L’articulation des rapports sociaux de sexe, de classe et de race, dans la migration et le travail des femmes haïtiennes”, defendida na Université Paris 7 et Université de Lausanne em 2015 e, a do antropólogo haitiano, Joseph Handerson (2015), sobre “*Diaspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*”, defendida no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

espalhados pelo mundo, a maior parte nos Estados Unidos, França e Canadá<sup>4</sup>. Isso representa a metade dos habitantes do Haiti, estimados em 10.413.211 em 2013 pelo Institut Haitien de Statistique et d'Informatique (IHSI).

Cerca de 100 mil desses últimos citados estão na França, incluindo os Departamentos Ultramar (Guiana Francesa, Martinica, Guadalupe, etc); aproximadamente 7 mil desses passaram pela fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru entre 2010 e 2013; 40 mil pela fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru entre 2010 e 2014; e, atualmente, seriam entre 60 a 65 mil no Brasil<sup>5</sup>. Interessa observar, por mais que a tradição migratória haitiana na França seja mais antiga do que no Brasil, a presença desses sujeitos nesse último país da América do Sul representa mais da metade de seus compatriotas na antiga colônia francesa.

Os principais estudos sobre a migração haitiana, particularmente aqueles que abordam as dinâmicas migratórias das mulheres haitianas, geralmente privilegiam os espaços migratórios como Estados Unidos, Canadá e França, os chamados “grandes países” que ocupam a hierarquia da diáspora haitiana. Desta forma, este presente artigo além de privilegiar a migração de mulheres haitianas num espaço migratório haitiano tradicional, considerado um grande país (França) do ponto de vista dos haitianos, também se enfatiza um novo espaço migratório haitiano, isto é o Brasil, considerado como um país intermediário. Do ponto de vista dos interlocutores da pesquisa de Joseph Handerson, há uma percepção paradoxal em relação ao Brasil, para alguns não é um grande país, um “*peyi blan*”<sup>6</sup>, quando comparado com Estados Unidos, Canadá e

---

<sup>4</sup> De acordo com os dados do Congresso Mundial Haitiano (CMH) do ano de 2005, em Nova York (incluindo Nova Jersey) são estimados em 1 milhão; em Miami, 750.000; em Boston, Chicago e Los Angeles, 150.000; no Canadá, 120.000; na França, 100 mil, incluindo os Departamentos Ultramar, na República Dominicana, 750.000; em Cuba, 400.000 e nos demais países da América Latina, 75.000, além daqueles instalados na África e na Ásia (Cahier n° 1, p. 16. janeiro 2005. Montreal).

<sup>5</sup> Os dados devem ser problematizados porque é complexo afirmar números bem definidos, visto ser quase impossível mensurar mundo em movimento. Além de, possivelmente, nem todos os imigrantes terem passado pela Polícia Federal brasileira ou enviado os seus dados para o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), pois sabemos das dificuldades inerentes às fontes convencionais.

<sup>6</sup> Na sua tese, Joseph Handerson mostra que, “A imagem e a maneira pelas quais os interlocutores representavam o Brasil são paradoxais. Alguns afirmavam ser um *peyi blan* e outros não. Os que diziam ser um *peyi blan* referiam-se ao fato de ser um país estrangeiro, ter uma das melhores economias mundiais, haver emprego. Os outros referiam não ser *peyi blan* porque as pessoas não ganhavam em *lajan diáspora* (dinheiro diáspora). No Brasil, o salário mínimo era mínimo mesmo, comparado com o dos Estados Unidos, Canadá ou França. No Brasil seria mais difícil economizar. Muitos lugares (especialmente o norte brasileiro aonde chegavam) eram percebidos como parecidos com o Haiti, além do

França; para outros ele seria um grande país, numa perspectiva comparada com os chamados “ti peyi” (pequeno país, no sentido socioeconômico) como República Dominicana, Equador, Chile etc.

Nesse sentido, no quadro da pesquisa de tese de doutorado, a socióloga Rose-Myrle Joseph desenvolveu a investigação com 69 mulheres haitianas e francesas. Entre elas, 15 trabalhadoras haitianas na França no setor doméstico e de cuidado às pessoas (*soin à la personne*), mas no Haiti por sua vez, as mesmas exerciam outras atividades que elas consideravam serem mais valorizadas. Através da observação participante e das entrevistas individuais e em grupo, a autora procurou compreender o trabalho delas e as relações sociais que o determinam, e analisou suas trajetórias para compreender o sentido que elas davam a sua trajetória migratória, articulada ao fracasso ou ao sucesso. Na primeira parte do artigo, a autora privilegiou a trajetória de duas mulheres haitianas na França, Laurette e Keli<sup>7</sup>.

Em relação à pesquisa de Joseph Handerson, o foco é o contingente de haitianos vindos ao Brasil pela Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, de 2010 a 2013 e os que foram para o Suriname e a Guiana Francesa neste mesmo período. Neste artigo, o autor fez um recorte e privilegia sua experiência etnográfica na Obra de São Francisco, a casa de acolhida das mulheres haitianas em Manaus, capital do estado brasileiro Amazonas. A referida casa era chamada pelos haitianos de *Kay fanm ansent* (a casa das grávidas), tendo em vista que na época da pesquisa (janeiro e fevereiro de 2012), das 38 haitianas que residiam na casa, 8 estavam grávidas.

Ao tomar como foco a trajetória de duas mulheres haitianas, Anne e Yolette, chegadas ao Brasil no final do ano de 2011, e posteriormente foram para Manaus em janeiro de 2012, local na qual Joseph Handerson as conheceu, o autor mostra como a migração é uma dimensão constitutiva dos horizontes de possibilidades da vida delas, no caso de Anne tendo residido na República Dominicana e no Equador antes de decidir vir ao Brasil, e no caso de Yolette, que morou em Guadalupe e Equador. Estando na “casa das grávidas” em Manaus, essas duas mulheres expressavam seu sentimento de

---

clima tropical. Os sujeitos pensam que um *peyi blan* é uma espécie de paraíso, há neve, bem distante da realidade e dos mundos haitiano e brasileiro” (Handerson, 2015b, p. 376).

<sup>7</sup> Neste artigo, por questões éticas associadas à pesquisa, trocamos os nomes verdadeiros das interlocutoras por nomes fictícios.

“frustração”, tal como ilustrado na frase de Anne: “mwèn desepsiyon”, (estou decepcionada); ou na de Yvette: “Si’m te konnen isit lan se konsa’l te ye, mwèn pa t’ap vini” (Se soubesse que aqui eram assim, não teria vindo). Esse sentimento de frustração e de decepção deve ser compreendido pelo fato que elas tinham um status social no Haiti e na República Dominicana, tinham empregadas domésticas nas suas casas, levavam uma vida de “gwo limen” (mulher bem sucedida) e de “gran fanm” (literalmente, grande mulher, no sentido das condições socioeconômicas e de uma vida bem sucedida), como diria Yvette. No Brasil, por sua vez, elas se tornaram empregadas domésticas.

O fator linguístico também é um elemento importante que permite lançar luz sobre as diferenças e similitudes das dinâmicas migratórias dessas mulheres na França e no Brasil. Boa parte das que vão para França falam francês, mas claro, há exceções daquelas que falam apenas o crioulo, língua oficial do Haiti. No caso do Brasil, nenhuma delas falava português antes de chegar ao país, mas o fato de algumas falarem espanhol, particularmente aquelas que residiam na República Dominicana ou no Equador antes da vinda para o Brasil, facilitava a comunicação delas no país, bem como a inserção no mercado de trabalho.

Este artigo está organizado em duas partes, onde em cada uma procura-se discutir as dinâmicas migratórias das mulheres haitianas. O trabalho foi dividido desta forma para organizar o texto de acordo com as duas pesquisas de tese de doutorado, a de Rose-Myrle e a de Joseph Handerson. A primeira parte focaliza as experiências migratórias das mulheres haitianas na França e, a segunda, concentra as análises a partir da recente migração delas para o Brasil. Na parte sobre as mulheres na França, dada a própria historicidade da presença haitiana nesse país europeu, as questões são discutidas com mais profundidade.

### **A migração haitiana na França: um processo de decadência**

Laurette, 40 anos, era uma mulher de classe média na capital do Haiti, Porto Príncipe. Era diretora de uma escola infantil, responsável de um projeto de educação

numa Organização Não-Governamental (ONG) e consultora de projetos pedagógicos numa organização internacional. Ela afirma ter tido uma vida profissional satisfatória que lhe permitia sustentar seus três filhos. De acordo com ela:

Pagava 2.500 gourdes (moeda haitiana) para a escola da mais velha (a filha). Pagava também a escola da caçula que frequentava a mesma instituição que a mais velha. Pagava um motorista para levar e trazer as crianças enquanto eu trabalhava. Gastava com a alimentação. Pagava as três empregadas domésticas. Gastava com combustível. Pagava o aluguel porque eu não era proprietária do imóvel (fevereiro de 2011, França).

Devido a sua situação financeira na época, ela podia economizar dinheiro para comprar terrenos para as crianças. Após seu doloroso divórcio com o pai das três crianças ela decidiu nunca mais se relacionar com homem haitiano, casou-se com um francês no Haiti e decidiu acompanhá-lo a França. Assim, iniciou o seu processo migratório.

Keli, 37 anos, mãe solteira. Quando Rose-Myrlie a conheceu na França, ela sustentava sozinha os três filhos. Assim que chegou em Paris, trabalhou como *nounou*”, cuidando de crianças e/ou deficientes. Nos últimos anos passou a trabalhar como “assistente de vida” (*assistante de vie*), uma espécie de cuidadora de pessoas idosas que são doentes e/ou deficientes. Migrou para França aos 20 anos de idade, após concluir o segundo grau (*Baccalauréat*) no Haiti.

Se Laurette sempre viveu em Porto Príncipe, Keli por sua vez é originária de uma “pequena burguesia” do interior, no sul do País. Segundo ela, vivia numa família na qual não faltava nada, economicamente falando. Ambas não partiram por razões econômicas, mas, ao contrário de Laurette que não esperava encontrar uma vida tão satisfatória daquela deixada no Haiti, Keli viajava com o sonho da juventude e com a esperança de alcançar o sucesso profissional e social.

Ao chegar à França, Keli finalizou um curso de formação para se tornar estilista. De acordo com ela houveram três fracassos. O primeiro foi nunca conseguir emprego na área de formação. Ela se casou com um migrante haitiano, tiveram três filhos e depois se separaram. Para criar os três filhos, sozinha e sem o apoio do pai, ela trabalhou como cuidadora de criança e depois como cuidadora de pessoas idosas/ deficientes físicos. O segundo fracasso consiste pelo fato de realizar o trabalho como cuidadora que ela mesma julgava como algo desvalorizado, não fazia parte de seus planos profissionais. Enfim, o terceiro fracasso se deu pelo fato de ter ficado “presa” nesses tipos de trabalho por mais de dez anos. Ao narrar sua situação vivida na França, ela disse: “Choro e não paro de chorar”.

No Haiti, o ato migratório é visto como um progresso social, isto é, um status no mundo social haitiano. No caso da França, os migrantes dos pólos do sul (“Países pobres”) são considerados como sobreviventes, tendo os horizontes de possibilidades de sua vida através do processo migratório. Diante dessa percepção, como compreender o sentimento de fracasso dessas mulheres migrantes, como o de Keli? Como elas podem sentir tão mal num “grande país”, num “*peyi blan*” como a França<sup>8</sup>? Como elas podem reclamar, sendo originárias de um país tão “pobre”? Procurando responder a essas indagações, é importante olhar para o trabalho dessas mulheres migrantes nos seus aspectos materiais e simbólicos, bem como as relações sociais que o determinam. Essas relações sociais se articulam no contexto da mundialização neoliberal.

### **Necessidades no Norte, desprezo no Sul**

Várias investigações analisam como, no quadro da mundialização neoliberal, as mulheres migrantes pobres e racializadas do Sul se tornam trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do *care*<sup>9</sup> nos países do Norte (“países ricos”). Na obra intitulada *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*, os autores

---

<sup>8</sup> De acordo com Joseph Handerson, “*Peyi blan* é uma categoria possuidora de várias significações e sentidos. Em alguns casos, pode ser entendida também como *peyi etranje* (país estrangeiro), *peyi lòt bò dlo* (país além do mar). São expressas e utilizadas entre os haitianos (aqueles residentes no Haiti e no exterior) para reportar-se aos países estrangeiros industrializados e desenvolvidos economicamente, na sua grande maioria compostos por uma população branca significativa, mas não necessariamente. Além disso, principalmente, nos quais podem ganhar em *lajan diaspora*, dólar americano e euro” (2015, p. 69).

<sup>9</sup> Neste texto, de maneira geral, o *care*, esse trabalho de cuidado à pessoa será considerado como parte do trabalho doméstico (gratuito ou pago), mesmo que o cuidado à pessoa seja uma atividade particular no setor doméstico.

aprofundam vários fenômenos que marcam esse processo de mundialização. A “crise da reprodução”<sup>10</sup> (Benería, 2010) no norte é apresentada como sendo um dos fatores principais que mobilizam a migração massiva das mulheres do sul em direção ao norte. Essa crise se explica primeiramente, pela falta de responsabilidade do Estado no que tange à reprodução social, isto é, os cortes orçamentários que afetam a esfera social, a diminuição dos investimentos em prol da proteção das pessoas e a redução das ofertas na área da saúde, da educação, etc.

A “crise da reprodução” acompanha uma rigidez da divisão sexual do trabalho (Hirata e Kergoat, 2008), que está associada, infelizmente, a massificação do emprego das mulheres<sup>11</sup>. Os homens não substituem essas mulheres “ausentes” no que tange o trabalho doméstico na própria casa. A massificação do emprego das mulheres não acompanha uma “massificação do trabalho doméstico dos homens”. Eles continuam a se dedicar ao trabalho não-doméstico, designado como produtivo, e desta forma, deixando para às mulheres as responsabilidades domésticas e familiares (Palméri, 2002). A crise da reprodução pode se expressar através dessas questões: Quem vai se dedicar ao trabalho doméstico? Quem vai se dedicar às crianças, às pessoas idosas, às pessoas doentes ou deficientes? Para superar essa crise da mão de obra doméstica no norte, as mulheres migrantes pobres e racializadas do Sul são mobilizadas. Federicci (2002) fala de uma nova divisão internacional do trabalho. Salazar Parreñas (2002) coloca o acento sobre a divisão internacional do trabalho reprodutivo e, outros autores falam de internacionalização/mundialização do trabalho doméstico<sup>12</sup>. É esse fenômeno que transforma as migrantes em “mulheres do serviço” (*femmes de service*) no norte (Falquet, 2006).

Para compreender o processo migratório e do trabalho das mulheres haitianas na França, é imprescindível analisar a questão da necessidade da mão de obra no país. É essa suposta necessidade e, não somente as necessidades pessoais de cada uma dessas mulheres haitianas que justifica a presença delas nesse país. No quadro do processo de

---

<sup>10</sup> Essa dimensão compreende também, o que outros autores chamam de crise do *care* (Devi, Isaksen et Hochschild, 2010).

<sup>11</sup> Essa massificação deve ser analisada, levando em consideração o desemprego e a precarização que marcam o trabalho das mulheres (Talahite, 2010).

<sup>12</sup> Pode ser incluído nesse fenômeno o que se chama de “mundialização do *care*” (Hochschild, 2004).

mundialização, essa necessidade da mão de obra no norte se funde com as condições precárias de vida no sul, o que contribui para o processo migratório das mulheres.

No Haiti, o cenário político, social e econômico que afeta a sociedade de modo geral, particularmente a vida das mulheres, é o *leitmotiv* da viagem delas para o exterior. As condições de vida no Haiti podem ser compreendidas, ao mesmo tempo, pelas relações externas entre Haiti e os países ocidentais e, pelos conflitos internos no país. Tais condições levam Lenz Jean-François (2011) a parafrasear Axel Honneth (2006) para qualificar o Haiti como “Sociedade de desprezo” (*Société du mépris*). O Haiti pode ser qualificado também como país de emigração forçada (Joseph, 2015). Nesse país caribenho, a migração e a mobilidade são dimensões “constitutivas da trajetória de vida das pessoas e dos horizontes de possibilidade da vida delas” (Handerson, 2015b, p. 54). Com isso, não queremos dizer que todas as mulheres sonham e querem partir um dia, entretanto, nem todas elas possuem as condições necessárias (socioeconômicas) para partir ou cumprem com as exigências burocráticas para obter um visto de um país estrangeiro. Há também aquelas que optam permanecer no Haiti por diversos fatores, o que inclui razões pessoais ou familiares.

### **As portas fechadas no Norte**

Uma visão evolucionista marca várias pesquisas que sustentam a migração como sendo um processo de emancipação para as mulheres (Moujoud, 2008). Quanto mais os países de origem são caracterizados como pobres, mais o processo migratório é visto como horizontes de possibilidades da vida das migrantes. Há a ideia também que as mulheres haitianas deveriam ficar satisfeitas de sua condição de vida na França, já que esta se encontra melhor do que estaria no Haiti. No entanto, as mulheres entrevistadas por Rose-Myrlie diziam que as portas estavam fechadas para elas na França, primeiramente por causa dos processos burocráticos que lhes pareciam insuportáveis. Quando chegaram à França, elas tiveram que começar a trabalhar rapidamente para se manterem no país, porém a documentação de suas qualificações educacionais, competências e experiências, ainda não tinham sido reconhecidas.. Ademais, essa necessidade de trabalhar logo quando chegam as impedia de realizar qualquer formação

que correspondia aos planos delas no exterior<sup>13</sup>. As ofertas de trabalho ou de formação eram geralmente no setor doméstico. Foi assim que as mulheres ingressaram no setor do trabalho doméstico, na “assistência de vida” (*assistente de vie*) como Keli, na assistência da educação infantil como Laurette, baby-sitter, ajuda domiciliar e faxina.

Devem ser analisados os aspectos materiais do serviço doméstico, isto é, o tipo de trabalho, o tempo e a remuneração para compreender porque as mulheres recusam este tipo de trabalho. Do ponto de vista delas, as atividades que consistem na limpeza de objetos e de pessoas são consideradas sujas (Joseph, 2011). O “trabalho sujo” (*sale boulot*) analisado por vários autores no setor do trabalho doméstico (Benelli, 2011) e o *care* (Molinier, 2004) são os principais aspectos da decadência do status social das mulheres migrantes haitianas. Laurette e Keli dizem, por exemplo, que a faxina a domicílio é considerada como a mais degradante do serviço doméstico. Algumas das interlocutoras haitianas diziam que recusavam essa atividade por ser julgada muito degradante. Segundo Laurette, era obrigada a ser diarista (faxineira) quando chegou à França, mas ela insistia que tal atividade era uma decadência social, visto que sua condição socioeconômica e profissional no Haiti era bem superior se comparado com a França. Ela explica: “Para mim, na minha cabeça, desci tão baixo (a minha decadência era tão baixa), se conseguia fazer faxina na casa de alguém, cozinhar para os outros, [...] fazer qualquer coisa para ganhar a vida, teria feito”. Em relação à Keli, ela recusava descer tão baixo no processo de decadência social. Ela argumenta:

Não gosto de fazer faxina na casa dos outros. É bastante humilhante, entendes? Eu não diria isso em público, entendes? Qualquer pessoa é uma pessoa, qualquer pessoa é [...], é o dinheiro, o ganhamos como se pode. Mas, eu mesma, não quero fazer isso (faxineira, diarista). Tu podes não querer fazê-la e não a faz. Entendes? (fevereiro de 2011, França).

---

<sup>13</sup> A própria formação proposta no setor doméstico ou do *care*, às vezes é inacessível para algumas mulheres migrantes haitianas, geralmente, para aquelas que possuem dificuldades para obter o direito à permanência no território francês, tendo em vista que elas não cumprem com as exigências para obtenção do *titre de séjour*, documento legalizador da situação do estrangeiro na França. Ao contrário de Laurette que chegou à França no quadro da reunião familiar, a maioria das mulheres entrevistadas ficou um bom tempo na situação indocumentada. Isso contribuiu significativamente para a presença massiva delas no setor doméstico e do *care*.

Mesmo quando se trata dos trabalhos como cuidadora (de criança ou pessoas idosas), os patrões ou as patroas impõem algumas atividades domésticas. Keli descreve uma situação vivenciada na ocasião que trabalhava como cuidadora:

Ela (a patroa) deixou [...], ela terminou de fazer a festa (com seus convidados) e depois, ela tem sua pequena empregada que vem no outro dia para limpar os pratos. Entrei na cozinha, vi a pilha dos pratos [...]. Nesses casos, elas sabem que sua pequena empregada vai ir, elas utilizam um prato para a salada, um para o prato principal, um pequeno prato para a sobremesa, assim, a pilha dos pratos crescem. E ela escreveu num pedaço de papel o recado que deveria limpar os pratos. Peguei o recado, escrevi no verso do papel: “Chama [...] se você precisa de uma diarista, chama a associação para solicitar uma diarista. Não sou sua diarista” (fevereiro de 2011, França).

De acordo com as mulheres migrantes haitianas, essas situações vivenciadas no local do trabalho davam a elas a impressão que as necessidades dos outros estavam acima das delas. Essa obrigação de estarem sempre disponíveis para servir os outros aparecia muito nas narrativas dessas mulheres migrantes. Keli ficava revoltada com essa situação, que segundo ela tinha a impressão de estar sacrificando sua própria vida e a de sua família para o conforto de outras pessoas. Ela disse ter abandonado o trabalho como cuidadora de criança pelo fato que sentia estar privilegiando mais as crianças dos outros do que as dela.

Esse tempo que essas mulheres passam no trabalho é monetariamente desvalorizado. Diariamente, elas trabalhavam mais tempo que boa parte das pessoas na França, mas ganhavam menos, geralmente um salário mínimo, às vezes menos do que isso. Aquelas que estavam numa situação indocumentada ganhavam ainda menos. Elas criticavam o próprio salário, diziam ser injusto, mesmo sendo superior ao que

ganhavam no Haiti. De qualquer forma, esse dinheiro continua sendo importante como explica Laurette:

Isso muda muita coisa porque nunca fui uma mulher inativa. Sempre fui ativa. Vim para cá (na França), fiquei dois anos sem fazer nada. [...] Fiquei deprimida. Mas com essas crianças, tenho uma ocupação, tenho um poder aquisitivo. Posso dar o prazer as minhas crianças. Posso me dar o prazer. Posso dar o prazer à família do meu marido também. [...] Outra coisa que isso muda, posso dizer que quero fazer uma remessa de 100 ou 200 euros a uma pessoa no Haiti [...]. Me sinto melhor, porque sinto que tenho esse poder, o que eu não tinha antes (fevereiro de 2011, França).

Mesmo que esse dinheiro permitisse atender algumas necessidades pessoais, incluindo a obrigação de ajudar os familiares no Haiti, o que ocorre na verdade, segundo elas, era que o dinheiro não é suficiente nem para garantir o status social e moral delas. Ademais, elas não conseguem economizar, algumas delas estão endividadas. Essas mulheres passam, às vezes, de um bairro considerado de classe média no Haiti para morar numa casa precária na periferia na França. Viver tão longe da Torre Eiffel, como salienta Keli, constitui uma decadência, mesmo que essas periferias pobres da França possam ser bem melhores, tendo casas bem mais equipadas do que um “bairro residencial” no Haiti. Para aquelas como Laurette que residiam fora da Île-de-France, a decadência era ainda maior. Laurette passou bruscamente de um modo de vida em Porto Príncipe para outro, diferente, num pequeno vilarejo francês onde faltava transportes públicos. Ela se expressa da seguinte maneira: “Eu nunca pensei que era um paraíso. Mas, não imaginava também que nos grandes países [...] Todo mundo fala dos grandes países e cheguei num local, não digo que é um buraco perdido, mas devo dizer que esperava mais infra-estrutura”. Ela segue e explica como essa situação reforça a sua decadência profissional pelo fato que sem transportes públicos, ela não tem condição para ir buscar trabalho nas cidades próximas. Nesse sentido, o dinheiro que essas

mulheres ganham não as permite viver a vida que sonhavam ter no exterior. Para compreender a decadência profissional e de status social dessas migrantes haitianas é importante analisar substantivamente essas insatisfações econômicas, devido ao fato de que abrem mão da vida profissional para realizar os “trabalhos sujos”.

Esses aspectos materiais da decadência estão articulados com os aspectos simbólicos que devem ser levados em consideração para apreender em que medida o trabalho pode parecer degradante, do ponto de vista delas. Algumas pessoas podem estranhar e se surpreender pelo fato que essas mulheres haitianas recusam o setor doméstico, “um trabalho digno”, poderiam dizer. Mas, é importante compreender que essas mulheres haitianas assimilaram e interiorizaram essa desvalorização do setor doméstico que é, sobretudo, social.

A sociedade, de modo geral, desvaloriza esse tipo de trabalho. Aqui se trata da sociedade francesa, na qual, geralmente são as mulheres, as mais pobres, as não brancas e cada vez mais, as migrantes, que realizam essas atividades. Tais atividades se tornam como uma categoria de trabalho subalterno, reservadas às pessoas que não podem encontrar um emprego melhor (Joseph, 2011). Numa outra escala de análise, a sociedade haitiana também desvaloriza esse tipo de trabalho, e essas mulheres pesquisadas se referiam sistematicamente à situação das empregadas domésticas no Haiti para criticar o desprezo associado ao serviço doméstico. Como elas poderiam gostar de um trabalho tão desvalorizado no seu próprio país, um trabalho que elas mesmas aprenderam a desvalorizar? Para compreender o sentimento dessas mulheres em relação ao seu trabalho, é importante analisar não somente aqui (a França, o país de imigração, onde elas foram forçadas a realizar esse tipo de trabalho), mas também lá (o Haiti, o país de emigração, onde elas haviam evitado esse trabalho desvalorizado e elas mesmas desprezavam) (Joseph, 2015).

Para compreender a situação de decadência dessas mulheres e, a maneira pela qual elas desvalorizavam o serviço doméstico, deve ser levada em consideração o efeito espelho imposto por esse tipo de trabalho. Realizando o serviço doméstico na França, essas migrantes haitianas ocupam o mesmo espaço que as empregadas domésticas no Haiti. “Maman, c’est toi la servante ici!” (Mãe, é você a empregada doméstica aqui!),

diz a filha caçula de Laurette. Se essas mulheres “servem os outros” aqui (na França), se elas trabalham para as patroas francesas, elas mesmas eram patroas no Haiti, tinham ao seu dispor várias empregadas para fazer a faxina, cozinhar, lavar roupas, cuidar dos parentes e das crianças, dos doentes e dos deficientes, e por isso, elas nem faziam as atividades domésticas nas suas próprias casas.

O sentimento de decadência dessas mulheres não pode ser entendido apenas a partir da experiência migratória na França, mas também através de seu passado no Haiti (Joseph, 2015). Algumas delas aproveitam para criticar a situação das empregadas domésticas no Haiti, denunciando suas condições de vida e de trabalho, culpando-se do tipo de patroas que elas mesmas foram e ao mesmo tempo, expressavam o desejo de mudar de comportamento. Na ocasião da pesquisa de doutorado de Rose-Myrlie, algumas mulheres entrevistadas no Haiti, julgavam essas migrantes ex-patroas, afirmando que o sentimento de decadência dessas migrantes é proporcional ao desprezo que elas tinham em relação as suas empregadas no Haiti. Judith, na ocasião que foi entrevistada por Rose-Myrlie no Haiti, afirmou que a decadência pode ter um lado positivo, isto é, “permitir às pessoas refletir de outra maneira sobre a humanidade”. Mas, deve se perguntar também, passando da situação de patroas a empregadas domésticas, de pessoas que desprezavam os outros a pessoas que são desprezadas, se essas migrantes mudam necessariamente de lugar nas relações sociais.

### **Uma articulação das relações sociais**

A situação dessas mulheres pode ser explicada através de várias relações sociais e nos discursos delas, tais relações possuem diferentes níveis e escalas de análise. Elas falam muito pouco das relações classe, mesmo salientando a mudança de sua situação econômica. Elas dizem que ganham mais dinheiro na França ou, no caso de Laurette, menos ainda que no Haiti. Pode ser constatado que a decadência não significa necessariamente uma mudança de classe social, mas, às vezes, uma mudança de situação social, e aqui se trata de uma mobilidade social descendente. Isso ultrapassa uma simples mudança de salário para se inscrever na dinâmica do rito de passagem de um trabalho qualquer (formal ou informal, bem ou mal pago, etc) a outros considerados

menos valorizados do ponto de vista moral e social. É nesse sentido que a questão de classe ganha mais força, na medida em que essas mulheres dizem que “se tornam pobres” na França<sup>14</sup>. As crianças de Laurette diziam: “No Haiti, éramos ricos, aqui (na França), tornamos muito, muito pobres. No Haiti, tínhamos muitas empregadas, por sua vez, aqui, mamãe, é a própria empregada”. Diante desse cenário, a decadência se explica pelo fato de possuir um poder aquisitivo menor do que antes, ter menos recursos. Isso corresponde ao fato de possuir um nível de vida equivalente ao daqueles que são pobres na França, independentemente do fato que os pobres na França podem, em alguns aspectos “viverem melhor” do que os não-pobres no Haiti.

Interessa observar também que, essas mulheres não eram ricas no Haiti, nem a própria Laurette que afirmou que era “rica”, ao comparar com sua situação de pobreza na França. De modo geral, poderíamos dizer que não são as mulheres mais ricas do Haiti que emigram para o exterior ou, que são forçadas a partir, correndo o risco de vivenciar uma situação de decadência na França. Como explica Laurette, quando as mais ricas partem, elas não são obrigadas a realizar o serviço doméstico. Da mesma forma, quando se analisa a situação no Haiti e o nível de exigência para obter um visto, pode-se imaginar, geralmente, que não são as mais pobres que partem tampouco, são aquelas que fazem parte de uma categoria intermediária. Elas sentem falta de algumas condições necessárias para viver no Haiti, por isso desejam partir. Também possuem uma condição de vida razoável nesse país, por isso alimentam o sentimento de arrependimento quando partem e vivenciam a decadência de status social e profissional (Joseph, 2015).

Em relação às mulheres das classes populares entrevistadas na França, aquelas que não necessariamente tinham uma vida profissional próspera no Haiti e que trabalhavam cotidianamente no setor informal, elas sentem essa decadência? Elas também afirmam estar insatisfeitas com o serviço doméstico, insatisfeitas pelo fato de se tornar “empregada doméstica”. Elas dizem não ter escolhido esse tipo de trabalho, que segundo elas, é mais desvalorizado que o pequeno comércio informal que faziam no Haiti, onde eram patroas de si mesmas. Elas também falam em decadência.

---

<sup>14</sup> Para algumas pessoas, essa ideia pode parecer estranha, tendo em vista a situação de pobreza vivenciada no Haiti.

A decadência está também associada ao fato de se encontrarem numa situação subalterna à outra pessoa, isto é, uma patroa para quem se deve realizar um trabalho considerado “sujo”. Por isso, algumas mulheres como Keli se recusam a fazer faxina domiciliar. Mas, ao mesmo tempo, essas migrantes justificam a escolha do trabalho doméstico pelo fato que se trata de patroas brancas, pois possuem a crença de elas serem superiores por ser brancas. Keli explica:

Elas continuam com a mesma mentalidade. Então, elas pensam constantemente [...], que tu és ainda [...], que o negro serve para o trabalho forçado, para fazer todo o trabalho para eles, [...]. É como se estivesse ainda na escravidão. Eles guardam ainda a mesma mentalidade. Tu és escravo, tu és negro, tu és escravo, tu não sabes nada (fevereiro de 2011, França).

Ela critica o tratamento das patroas em relação às pessoas negras no contexto do trabalho doméstico. Boa parte dessas mulheres migrantes negras criticava mais as relações raciais do que as relações sociais. Ademais, elas diziam que “se tornavam negras” na França, tendo em vista que os preconceitos de cor existentes, também no Haiti, são bem diferentes da maneira que se operacionaliza o racismo na França. Mesmo as pessoas que acreditavam serem claras no Haiti, as “mulâtresses” (mulatas), as *sararás* (*grimèl*), são chamadas de negras na França. Sueli Carneiro (2005) critica o lugar específico do racismo na transformação das mulheres negras no setor doméstico.

Glenn (2009) faz referência ao sistema escravagista e associa o racismo à história colonial. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que as relações Norte/Sul, relações entre a França e sua antiga colônia marcam também a decadência dessas mulheres haitianas. Porém, vale frisar que o racismo na França metropolitana não visa de maneira particular às pessoas de origem haitiana, mas também, várias categorias de pessoas, “estrangeiros”, “migrantes”, “negros” etc. No caso das pessoas de origem haitiana, elas são associadas diretamente à pobreza, à ditadura, às catástrofes naturais - como o terremoto de janeiro de 2010 -, a todas as imagens degradantes expostas pelos meios de comunicação quando se trata do Haiti.

Essa visão estigmatizada e estereotipada do sul é bastante criticada por Bernard Hours (1998). As mulheres haitianas acusam os meios de comunicação pelo fato de alimentar nas patroas uma atitude insuportável de desprezo em relação a elas. Tal situação leva algumas mulheres a esconderem a nacionalidade de origem.

Mas, para compreender a situação de decadência dessas mulheres é necessário questionar para além das dimensões de classe, de raça e do sistema neocolonial que marca as relações Norte/Sul. Deve-se também analisar a questão de gênero, mesmo que essa dimensão não apareça no discurso dessas mulheres no que tange ao trabalho. A dimensão do gênero marca as causas do processo migratório delas, tanto quanto os problemas administrativos que as colocam no setor do serviço doméstico. Tal dimensão determina a presença delas nesse tipo de trabalho. Se antes elas tinham empregadas no Haiti, por sua vez na França, elas devem se preocupar em fazer tudo sozinhas, cumprindo com as tarefas domésticas no local de trabalho e na própria casa, tendo em vista que seus companheiros haitianos e/ou franceses não ajudam nas tarefas domésticas. Boa parte dos homens haitianos, mesmo estando eles mesmos numa situação de decadência, investe em outras atividades como a construção civil, o setor de transporte e de segurança<sup>15</sup>. Diante da situação de decadência no contexto migratório internacional, notadamente no serviço doméstico ou outros, os homens e as mulheres não reagem da mesma maneira. O marido de Keli prefere retornar ao Haiti para realizar um trabalho, do ponto de vista dele, que corresponde melhor a sua formação universitária, deixando as três crianças menores com Keli. Do ponto de vista analítico, essa experiência chama a atenção para refletir sobre a divisão sexual do trabalho que sobrecarrega a tarefa das mulheres diante das responsabilidades domésticas e familiares. Laurette afirma que a socialização dos homens no Haiti, o fato de conferi-los alguns privilégios sociais, torna a decadência insuportável.

## **Os sentidos sociais da decadência**

---

<sup>15</sup> Apesar da presença dos homens no setor do serviço doméstico e do *care*, a presença das mulheres continua sendo a mais significativa.

Como foi possível observar, a situação de decadência, no tange ao trabalho, representa um golpe para o ego dessas mulheres, tendo em vista que podiam realizar melhores trabalhos no Haiti, porque eram obrigados a fazer na França um trabalho contra a própria vontade; porque se dedicam a um trabalho desvalorizado não somente, do ponto de vista delas, mas também, antes de tudo, diante o mundo social haitiano e francês; porque elas realizam uma atividade que elas mesmas desprezavam; porque elas têm a impressão de passar uma hora para outra de status de patroa ao de empregada doméstica. Algumas delas nunca conseguiram aceitar tal situação de decadência. Keli diz que nunca irá parar de chorar.

Essa desvalorização social interiorizada leva as mulheres a construir um sentimento de vergonha de seu próprio trabalho. Keli esconde para seus filhos o status de seu emprego e o tipo de trabalho realizado nele. Algumas dessas mulheres migrantes haitianas não falam do tipo de trabalho desenvolvido no exterior para os familiares residentes no Haiti.

No quadro da pesquisa de tese de Rose-Myrlie, ela observa que nenhuma dessas migrantes haitianas dizia que “queria” trabalhar no setor doméstico e muito menos migrar para fazer esse tipo de trabalho. Elas não dizem que gostam de seu trabalho, mesmo como mostram Galerand e Kergoat (2008), esse trabalho desvalorizado pode ter um lado subversivo. Elas encontram também no serviço doméstico alguns aspectos que admiram (a relação com as crianças, a satisfação diante do trabalho bem feito, a alegria diante do reconhecimento de algumas patroas). Nenhuma delas afirmam “ter vontade de continuar” realizando esse trabalho por toda a vida, mesmo que boa parte delas tentando ser realistas, constroem seus projetos de “(re)ascensão” nesse setor de atividade. É nesse sentido, que algumas delas projetam passar de status de faxineiras para gerentes no setor de hotelaria. Keli sonha fundar uma associação de trabalhadoras domésticas que ela mesma administraria sem a intermediação de outra instituição.

Assim, essas experiências descritas das mulheres haitianas não são exclusivas do contexto francês, no Brasil também passam por dificuldades de reconhecer seus diplomas haitianos ou dos cursos realizados na República Dominicana por questões burocráticas, por isso, algumas acabam escolhendo o setor do trabalho doméstico,

mesmo que algumas delas se recusem a exercer determinadas atividades de trabalho (principalmente a faxina). Ademais, no Brasil algumas delas também construíram uma visão crítica em relação ao salário mínimo brasileiro, ao tempo da jornada de trabalho e à precariedade de algumas habitações nas quais elas residem. O tipo de atividades, o baixo salário, a exploração da mão de obra, somando às discriminações de gênero, de classe, de raça e de nacionalidade de origem, por serem mulheres, negras e haitianas, fazia com que muitas mudassem frequentemente de emprego em busca de melhores salários e de bem estar social no Brasil.

### **Rede de solidariedade e “Casa das grávidas”**

Os primeiros haitianos a passar pela Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, especialmente na cidade de Tabatinga, chegaram a Manaus em maio de 2010<sup>16</sup>. Na época, havia recém inaugurado uma casa de acolhida para migrantes ao lado da Igreja de São Geraldo, e nesse período, a maioria dos acolhidos eram colombianos e peruanos. O lugar comportava de 12 a 16 pessoas. Em agosto do mesmo ano, começou a chegar centenas de haitianos. A partir deste momento, o salão paroquial passou a ser utilizado por mais de 90 pessoas que dormiam em colchões espalhados pelo chão, frutos de doações da população local. A Pastoral da Migração em Manaus tinha em 2012, cerca de 10 casas de apoio espalhadas pela cidade para acolher os migrantes<sup>17</sup>. O grupo maior

---

<sup>16</sup> Os dados aqui evidenciados foram coletados no trabalho de campo que se concentrou, na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, especialmente em Tabatinga e em Manaus, entre janeiro e março de 2012. Essa parte do artigo trata da pesquisa de tese de Joseph Handerson.

<sup>17</sup> A Pastoral da Migração em Manaus existe há 20 anos. Os coordenadores atuais são: Padre Valdecir Molinari, Irmã Valdiza Carvalho e Angélica Bossa. Além destes, há 30 pessoas voluntárias que fazem parte dela. São organizadas reuniões mensais cada 1ª quarta-feira do mês na Paróquia de São Geraldo. A Pastoral atua principalmente na paróquia Nossa Senhora dos Remédios e no Centro Pastoral dos Migrantes. Entre as ações desenvolvidas pela pastoral nos últimos anos estão, o Projeto Mãos Entrelaçadas realizado em parceria com o Banco do Brasil, que consiste em confecção de camisetas com serigrafia nelas feita pelos próprios migrantes. Ademais, a Pastoral possui um Centro de Documentação em parceria com a Congregação religiosa dos Jesuítas. Também a Pastoral auxilia na confecção de

ficava em São Geraldo; outro com mais de 90 pessoas em São Raimundo; cerca de 60 pessoas na Paróquia Sagrada Família, uma das comunidades da Nova República. Outras casas também foram alugadas para atender a média de 20 a 25 pessoas. A Obra de São Francisco acolhia principalmente as mulheres haitianas na chamada *Kay fanm ansent* (a casa das grávidas), além de duas outras casas de apoio localizadas no bairro Beija Flor e no Zumbi, um bairro da Zona Leste de Manaus, um dos maiores e mais populosos da capital.

Em janeiro de 2012, na “casa das grávidas” conheci duas mulheres haitianas, dentre outras, eram Yolette e Anne. Inaugurada em março de 2011, tinha característica de um lugar de passagem (moradia transitória e emergencial). Possuía suas normas, tempo de permanência e hora de dormir. As haitianas não grávidas podiam permanecer por no máximo 50 dias; as outras permaneciam durante o período da gravidez mais 90 dias após o nascimento da criança. Nessa casa recebiam duas refeições durante o dia. Eram constituídas equipes rotativas de dois a três pessoas, semanalmente, para cozinhar, limpar a casa e lavar os pratos. Havia uma regulamentação interna visando o bom uso das coisas da casa e o respeito às regras<sup>18</sup>. Em janeiro de 2012, se encontravam no local aproximadamente 38 haitianas. Era dividida em três grandes quartos com beliches de dois lugares, sendo que dois quartos possuíam cinco beliches e o outro doze. Em qualquer casa, a distribuição das tarefas impõe atividades comunitárias. Como explicitado por Sayad:

Dividir o mesmo espaço, a mesma moradia e, por conseguinte e de forma mais ampla, as mesmas condições de vida, acaba sendo uma forma de perpetuar, a despeito das transformações que se podem produzir nos outros domínios da existência dos

---

documentos dos migrantes haitianos, principalmente intermediando junto com a Embaixada do Haiti em Brasília, a renovação dos passaportes deles.

<sup>18</sup> Dentre as regras da casa, trago algumas: a) Os dormitórios são reservados exclusivamente para as mulheres, portanto, não é permitido homem nos quartos; b) É proibido comer nos dormitórios. Cada pessoa lavará seu prato, colher, copo e panela. Deixar o fogão limpo todos os dias. A alimentação é somente para as mulheres que moram na Casa de Acolhida; c) Respeitar o horário da casa: Café da manhã às 8:00h, o almoço às 12:00h, e o jantar às 19h, caso a Casa receba doações suficientes, pois a prioridade é o almoço e o jantar; d) As mulheres grávidas precisam comer o que tiver, pois dependemos de doações e não há dinheiro para comprar comida especial; e) É proibido confusões, brigas ou qualquer tipo de desentendimento. Caso contrário será advertida 3 vezes e mandada embora; f). O portão de entrada será fechado às 22hs. Deve-se apagar as luzes e desligar a televisão às 22h. Fazer silêncio, respeitando as pessoas que necessitam de repouso. Essas regras eram traduzidas em créole.

imigrantes, um modo de ser (imigrante) característico de um certo estado da imigração [...] (1998, p. 90).

Até janeiro de 2012 em Manaus, 18 haitianas haviam dado luz a uma criança cada. Nessa casa, uma se encontrava grávida de três meses, quatro haitianas estavam grávidas de quatro meses, havia uma com cinco meses de gestação, uma de sete e outra de nove meses; o que dava um total de oito grávidas no alojamento. Por essa razão, os próprios haitianos, denominaram-na “casa das grávidas”.

Tanto a “casa das grávidas” quanto os demais alojamentos eram, geralmente, moradias provisórias nas quais os recém-chegados ficavam até arrumar um emprego, para depois alugar um apartamento. Os casais, particularmente, não ficavam por muito tempo neles, visto que viviam separados e não conseguiam ter uma vida íntima diária. Por exemplo, na “casa das grávidas”, as visitas encerravam-se às 22 horas de noite. Quando chegava esse horário, o marido que se encontrava na casa visitando sua esposa, deveria deixar o local. Até as visitas eram estreitamente regulamentadas. O uso dos aparelhos eletrônicos (televisão, máquina de lavar, fogão etc) também era regrado. Às regras cuidavam do comportamento, dos hábitos e da moralidade das residentes.

Visitei a casa aos domingos, em dias de semana diversos e turnos diferentes. Cada vez tinha um aspecto próprio. Numa segunda-feira à noite, encontrei todas as haitianas no local. Algumas sentadas na frente da casa conversando com seus maridos. Do ponto de vista das interlocutoras, *kay fanm ansent* não era apenas um lugar de alojamento. Havia vários atendimentos no local como orientações psicológicas, de pré-natal, etc. Também as profissionais da casa ajudavam no encaminhamento das documentações como CPF, carteira de trabalho, protocolo etc. Algumas pessoas físicas ou representantes de empresas iam até a casa para oferecer empregos às haitianas, geralmente no setor de serviço doméstico. Do ponto de vista dos agentes pastorais da casa, as migrantes não demonstravam muito interesse quando se tratava de serviços domésticos como diaristas, faxineiras, babás e cozinheiras. Tal fato pode ser constatado na experiência de Anne.

No primeiro dia de ida à casa, num domingo de tarde, lá encontrei Anne. Eu estava sentado no banco do refeitório, ela me viu fazendo entrevista com Yolette, aproximou-se e disse: “Mwen desepezione” (estou decepcionada). Perguntei por quê, respondeu: “Pa gen travay” (não há trabalho). Naquela época fazia 22 dias que Anne havia chegado de Tabatinga e lá estava alojada trabalhando no serviço doméstico. Mas não era isso o que desejava para si, era formada em Administração de Hotelaria na capital Santo Domingo, na República Dominicana. A expressão “Não há trabalho” enunciado por ela não significava, de fato, não haver trabalho, mas sim, o tipo de trabalho que ela queria fazer<sup>19</sup>.

### **“Estou decepcionada”**

Anne, 32 anos, nascera em Plateau Central no Haiti. Nós nos conhecemos em Manaus, na *kay fanm ansent* (casa das grávidas), em janeiro de 2012. Formada em Administração de Hotelaria na República Dominicana, residira em Santo Domingo por um período de 12 anos, mas viajava todo ano para o Haiti. Seu marido ficara na República Dominicana com o filho do casal, de 12 anos. Em Santo Domingo, trabalhava na sua área de formação, e em algumas ocasiões, quando nela não encontrava trabalho, atuava no comércio como vendedora num mercado. Comprava roupas, sapatos, ingredientes de cozinha. Não vendia produtos específicos, ela realizava as compras de acordo com os objetos disponíveis no mercado e aqueles mais fáceis de vender com lucros razoáveis. As compras eram efetuadas no Haiti ou em Dajabón, cidade fronteira da República Dominicana com o Haiti.

Em meados de 2010, diminuía consideravelmente a venda do seu comércio. Segundo ela, essa queda estava ligada ao estereótipo vinculado à cólera no Haiti. Os

---

<sup>19</sup> Ana Paula Caffeu e Dirceu Cutti elaboraram dois gráficos a partir de uma pesquisa realizada por elas com os haitianos em São Paulo no tangente ao trabalho. As autoras constataram que há um grande descompasso entre as ofertas de emprego e os tipos de serviços que os próprios haitianos queriam. No gráfico 1, sobre a distribuição percentual por ramos de atividade dos que procuraram trabalhadores era 41% para serviços gerais domésticos. No gráfico 2 sobre distribuição percentual das habilidades e/ou área de interesse por parte dos imigrantes que fizeram seus cadastros, apenas 1% cadastra seus nomes para serviços gerais domésticos (2012, p. 109 -110). Tais constatações permitem sustentar a minha análise a respeito da decepção de Anne e de outras mulheres haitianas em relação a alguns tipos de serviço no setor doméstico.

clientes em Santo Domingo evitavam comprar qualquer produto de origem haitiana. Em dezembro do mesmo ano, os familiares do marido de Anne, residentes no Equador, estimularam o casal para ir a esse país, afirmando haver melhores salários em *lajan diaspora*, isto é, dólares americanos<sup>20</sup>. Nas palavras de Anne, foi um dos fatores que atraiu o casal. Os dois juntaram dinheiro do comércio a fim de financiar a viagem de Anne para o Equador com a intenção de custear depois a do marido. De acordo com ela, ao chegar a IQUITÓ, a realidade econômica não era tão diferente daquela na República Dominicana e, por isso, ela desmotivou o marido a realizar a viagem.

Ficou oito meses no Equador, trabalhando apenas um mês num restaurante, permanecendo sete desempregada. Então, foi informada por amigos que viajaram à Tríplice Fronteira de lá existirem melhores condições de vida do que no Equador. Eles repassaram informações a respeito dos circuitos e das rotas para chegar à Tabatinga. Ela foi a esse local em meados de 2011, lá permaneceu por três meses e, após receber o protocolo dirigiu-se a Manaus.

Realizei três longas entrevistas com ela durante três dias, em turnos diferentes. No primeiro dia de contato, numa tarde de domingo na *Kay fanm ansent* em Manaus, eu estava sentado na cozinha conversando com outros haitianos e ela se dirigiu a mim, dizendo: “Mwen desepezione” (Estou decepcionada). Queria assim expressar sua insatisfação quanto às condições de trabalho e de salário no Brasil. Fora contratada para realizar serviços domésticos, e sua patroa lhe dera a roupa íntima para lavar e passar a ferro. Segundo ela, indignou-se e não voltou mais ao local de trabalho. Disse que na República Dominicana, onde morara, possuía uma casa na praia com duas empregadas: uma fazia serviços caseiros - cozinhava, lavava roupa e limpava -, e a outra era babá, cuidava do seu filho. Nas palavras dela: “Não estudei para hoje trabalhar na casa dos outros como empregada doméstica” (*Mwen p’at etidye pou jounen jodi a se kay moun m’ap travay*).

Na segunda vez que fui à Manaus, no final de fevereiro de 2012, encontrei novamente Anne na casa e continuava decepcionada. Nessa ocasião, me dizia que não

---

<sup>20</sup> Sobre o uso do termo diáspora no mundo social haitiano como substantivo para designar pessoas, objetos, casas, ações e dinheiro, ver o meu artigo sobre “Diaspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas (2015b), bem como a minha tese de doutorado intitulado “Diaspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa” (2015a).

ganhava dinheiro suficiente (na época R\$ 650) para enviar remessas ao marido e ao filho que ficaram na República Dominicana. No seu discurso, Anne denunciava fortemente as condições e as relações de trabalho que engendravam seus sentimentos de desonra, além de um projeto migratório considerado um fracasso. Para ela, a decepção não ocorrera apenas por causa da decadência do seu status social, mas também pelo tipo de serviços por ela realizado tanto na casa dos outros (empregadores), como na “casa das grávidas” (casa emergencial). Sua experiência ainda mostrava que o fato de conseguir um emprego no Brasil, não garantia o estatuto de uma migração bem sucedida. O tipo de emprego e o salário também jogavam um papel importante na vida social e profissional de Anne. Além da experiência de Anne, a trajetória de Yvette, também permite iluminar as relações de gênero, classe e nacionalidade no contexto da dinâmica migratória dessas mulheres haitianas.

#### **“Se soubesse que aqui era assim, não teria vindo”**

Na primeira semana de janeiro de 2012, na ocasião em que fazia pesquisa de campo na Obra de São Francisco, em Manaus, conheci Yvette de 52 anos, mãe de uma filha, com um neto de dois anos, ambos vivendo em Porto Príncipe. Em 2003, Yvette fora a Guadalupe, onde permaneceu durante quatro anos. Cuidava de idosos e ganhava 15 euros por hora. Em 2007, foi abordada pela *Police Aux frontières* (PAF) e sem *titre de séjour* (documento de estrangeiro na França), fora deportada para o Haiti.

Possuía um afilhado no Equador, que a motivou a viajar do Haiti para aquele país em 2009. Chegando à capital Quito, onde morou dois anos e cinco meses, trabalhou numa empresa de costura por um curto período de tempo, cujas roupas eram vendidas em grandes quantidades na capital e noutras partes do país. Recebia um salário de U\$ 200 mensais. Decepcionada pelo valor do salário e pelo volume de trabalho diário decidiu empregar-se como doméstica, mas entre as atividades, algumas não a agradaram, como lavar carros ou dar banho em cachorros.

Não se conformou com a situação devido à sua idade. Por conta disso, desistiu do emprego doméstico para abrir um pequeno comércio de produtos vegetais, na capital

do Equador. Vendia cebola, tomate, cenoura, batata e verduras. Ganhava aproximadamente U\$ 200 mensais. Antes de realizar a viagem ao Equador, Yolette era comerciante no mercado de Croix-des-Bossales em Porto Príncipe, recebendo em torno de 15.000 a 20.000 dólares haitianos, equivalentes a U\$ 1.875 a U\$ 2.500 por mês<sup>21</sup>. Ela descrevia a sua situação de comerciante no Haiti como *gwo limena* (uma comerciante bem sucedida).

Em Quito, no Equador, foi informada por um amigo haitiano já em Tabatinga da possibilidade de ir à Tríplice Fronteira. Em 2011, decidiu vir para o Brasil. A viagem durou quatro dias. Entre Quito e a fronteira peruana foi de ônibus, seguindo de avião de Lima a Iquitos. Desta última cidade foi de iate até Santa Rosa, depois atravessou o Rio Solimões de balsa, de Santa Rosa (Peru) a Tabatinga (Brasil). Chegou no dia 30 de agosto de 2011, gastando em torno de U\$ 700. O dinheiro utilizado para custear a despesa veio de empréstimo com um amigo, a quem ela deveria começar a devolvê-lo depois de encontrar trabalho.

Ficou três meses em Tabatinga, pagava R\$ 250 de aluguel. Quando recebeu o seu protocolo, legalizando a sua situação no Brasil, de barco foi para Manaus. Lá a conheci, morava em *Kay fanm ansent*, mantida pelos Freis Capuchinhos e a Irmã Santini religiosa vinculada ao Haiti, onde morara 22 anos, na Cidade de Jeremie, no extremo sul.

Yolette expressava a sua decepção por meio de palavras, gestos e atitudes. De acordo com ela, poderia ficar alguns anos no Brasil trabalhando, mas não conseguiria compensar e pagar a dívida de sua viagem. Os trabalhos encontrados no país eram de emprego doméstico e esse tipo de serviços não agradava a Yolette, piorando a sua decepção quanto à sua vinda para o país: “Se soubesse que aqui era assim, não teria vindo” (*Si'm te konnen isit lan se konsa'l te ye, mwen pa t'ap vini*). Essa frase de Yolette expressa o que muitos dos meus interlocutores, encontrados em Tabatinga e Manaus, me diziam. Parecia que o Eldorado tão querido não era aquele encontrado quando aqui chegaram (no Brasil).

---

<sup>21</sup> Para a discussão sobre o dólar imaginário haitiano, visto a moeda nacional ser o gourde e, no universo haitiano, as pessoas fazerem contas num suposto dólar haitiano que não existe material nem oficialmente, ver os trabalhos de Neiburg (2013) e Mintz (1961).

Essa decepção não era exclusiva de Anne e de Yolette, outras interlocutoras com quem conversei na casa demonstravam a insatisfação pelo valor do salário mínimo que recebiam na época. Tais fatores levavam as migrantes a pular de emprego a emprego, em curtos períodos de tempo. Algumas delas assinavam carteira em três empregos consecutivos num período de dois meses. Na perspectiva das migrantes, o custo de vida era relativamente alto comparado com o Haiti, e o salário mínimo brasileiro não permitia juntar uma quantia considerável para enviar remessas aos que ficaram.

As trajetórias de Anne e de Yolette lançam luz sobre essas questões, permitindo observar as imbricações das relações sociais no contexto do trabalho, a imagem criada no plano simbólico pelas haitianas antes de realizar a viagem e a realidade vivida, ao chegar no Brasil. As trajetórias individuais e sociais de Anne e Yolette permitem discutir as relações sociais no setor doméstico no contexto da Nova Divisão Internacional do Trabalho (Federicci, 2002). Essa divisão do trabalho se insere na lógica do crescimento da demanda da mão de obra das mulheres dos países pobres no setor doméstico dos países mais desenvolvidos. No caso deste estudo, algumas das mulheres tinham empregadas domésticas no Haiti, ou na República Dominicana, ou em outros países de procedência, mas, ao chegar ao Brasil, elas mesmas tornam-se empregadas domésticas, independentemente do seu status profissional.

Por isso, algumas delas eram muito críticas em relação a determinados tipos de serviços domésticos desenvolvidos no Brasil. Diziam ser a pobreza e a falta de emprego no Haiti, que as faziam aceitar alguns serviços domésticos no Brasil. Nesse sentido, a pobreza estava na origem da sua vida doméstica. Como sugere a experiência de Anne, Yolette e de outras migrantes, a situação do trabalho se insere na lógica de mudança de status social. Na origem da sua experiência migratória, há uma decadência socio-profissional resultante das relações sociais. Essa decadência existe pelo fato de realizar um trabalho menos valorizado do que aquele desenvolvido anteriormente, no lugar de procedência. Além do mais, é uma decadência, visto que o setor do trabalho ocupado (o doméstico), tanto no Haiti quanto no Brasil é desvalorizado material e simbolicamente.

Além da questão de classe, há um conteúdo racial por serem mulheres negras. A instrumentalização da categoria racial deve ser levada em conta para entender a lógica

das relações sociais e de gênero no contexto do trabalho doméstico. Isso não é uma especificidade haitiana, há uma proliferação de mulheres negras brasileiras e de outras nacionalidades na divisão do trabalho, notadamente no setor do serviço doméstico. O fato de alguns serviços terem uma supervalorização de pessoas de determinadas características fenotípicas pode estar associado também a um tipo de discriminação racial. O fato de serem negras e desenvolverem serviços domésticos podem remeter a algumas características do processo colonial. Nesse sentido, o racismo na atualidade pode retomar ou reproduzir algumas características da escravidão. Por isso, torna-se importante levar em consideração a categoria racial nesse setor de trabalho, tal como foi sublinhado nos trabalhos de Sabine Masson (2006), articulando as relações de sexo, de classe e de raça no contexto da Nova Divisão Internacional do Trabalho.

Esse tipo de discriminação racial não atingia apenas as mulheres, na divisão de trabalho no universo masculino a maioria dos homens se concentrava no setor da construção civil. Os discursos dos haitianos denunciavam a discriminação racial. Os fatores discriminatórios se evidenciavam ainda mais nas desigualdades de salários. Alguns me diziam desenvolver as mesmas atividades de alguns colegas brancos, e esses recebiam melhores salários do que os haitianos.

Essa desigualdade racial no que tange o salário entre brancos e negros no Brasil, já havia sido desvelada desde as décadas de 1950 e 1960, pelos trabalhos de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni (1960), desmistificando a tese de o preconceito social ser preponderante ao preconceito racial (Pierson, 1945). Esses autores demonstraram a correlação entre o preconceito de classe e o de raça no país. Numa perspectiva comparada com as experiências dos negros nos Estados Unidos, Regine O. Jackson (2011) mostra que as discriminações raciais ostensivas em muitas indústrias, incluindo os postos de trabalho semiespecializados na fabricação e transporte, são responsáveis pela mobilidade ascendente dos irlandeses e italianos, e isso contribui para explicar o status subordinado dos afro-americanos. Alguns setores de trabalho eram designados como “Negro Jobs” (empregos de negro): serventes, zeladores e porteiros. Segundo a referida autora, “os negros, também foram excluídos das redes sociais que governavam o acesso a programas de aprendizagem e vagas de emprego” (Jackson, 2011, p. 140).

Numa outra dimensão, voltando ao caso brasileiro, a problemática de gênero também deve ser nuançada, visto que os serviços das mulheres migrantes serem tão explorados tanto por homens quanto por mulheres. As haitianas eram discriminadas por várias categorias de pessoas, tanto homens como mulheres, incluindo migrantes na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru. Interessa observar que não há simplesmente uma divisão sexual do trabalho, mas uma articulação de divisões sexuais, sociais, étnicorraciais e internacionais do trabalho. A divisão sexual do trabalho parece ser um pouco rígida pelo fato de poder mascarar as suas outras divisões. Por exemplo, mesmo as mulheres exercendo serviços domésticos, entre elas ainda persiste a divisão de salários (classe), conteúdos raciais e nacionalidade de origem. Há uma hierarquia sociocultural, racial e nacional na divisão do trabalho.

### **Considerações finais**

Neste artigo, focaliza-se sobre as dinâmicas migratórias das mulheres haitianas na França e no Brasil. Procura-se examinar e mostrar como as relações sociais do trabalho, particularmente no setor doméstico, são determinadas pelas diferenças de gênero, de classe, de raça, de origem geográfica e da nacionalidade como dispositivos de discriminação. Assim, elas devem ser pensadas nas diferentes articulações cruzadas e na lógica consubstancial.

Ao analisar as trajetórias de duas mulheres haitianas na França, Laurette e Keli e, de duas no Brasil, Anne e Yolette, mostra-se como essas migrantes eram da classe média no Haiti, possuíam um status privilegiado no mundo social haitiano, ganhavam um dinheiro significativo para os padrões salariais haitianos, seja através do emprego formal, no caso de Laurette e Keli no Haiti e Anne na República Dominicana, ou no setor do comércio informal, no caso de Yolette tanto no Haiti como no Equador.

As quatro interlocutoras possuíam empregadas domésticas nas suas casas no Haiti, bem como na República Dominicana. No caso de Anne, por sua vez, ao chegar na França e no Brasil, elas mesmas se tornaram empregadas domésticas. Elas recusavam algumas atividades do trabalho doméstico, mesmo que os empregos que forneciam um

nicho no mercado de trabalho para as mulheres haitianas na França e no Brasil têm tido um crescimento permanente nos seguintes setores: empregadas domésticas, babás, funcionárias de restaurantes, particularmente como cozinheiras. Tal experiência no setor doméstico na França e no Brasil representava uma decadência de status social, do ponto de vista delas.

Esse sentimento de decadência expressa por essas mulheres haitianas não pode ser entendido apenas a partir da experiência migratória na França e no Brasil, mas também através de seu passado no Haiti. Algumas delas construíram uma visão crítica em relação ao trabalho doméstico na França e no Brasil, bem como à situação das empregadas domésticas no Haiti, denunciando suas condições de vida e de trabalho.

Os resultados da pesquisa de Rose-Myrlie e de Joseph Handerson sugerem que as dinâmicas migratórias das mulheres haitianas na França e no Brasil, devem ser entendidas no contexto da articulação das relações de gênero, de classe, de raça e de nacionalidade no contexto da Nova Divisão Internacional do Trabalho, bem como a partir do processo de mundialização neoliberal, no qual as mulheres migrantes pobres e racializadas do Sul se tornam trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do *care*.

### **Referências bibliográficas**

BECHACQ, Dimitri. *Pratiques migratoires entre Haiti et la France: des élites d’hier aux diasporas d’aujourd’hui*. Paris, EHESS, 2010.

BENELLI, Natalie. *Nettoyeuse*. Comment tenir le coup dans un sale boulot. Zurich: Editions Seismo, 2011.

CAFFEU, Ana Paula e CUTTI, Dirceu. Só viajar! Haitianos em São Paulo: Um primeiro e vago olhar. *Travessia – revista do Migrante*, Ano XXV, nº 70, Janeiro – Junho, p. 107-113.

CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARNEIRO, Sueli. “Noircir le féminisme”, *Nouvelles questions féministes*, Vol. 24, N° 2, 2005, Lausanne: Antipodes, p. 27-32.

DELACHET-GUILLON, Claude. *La communauté haïtienne en ile de France*. Paris L’Harmattan, 1996.

DEVETTER, François-Xavier e ROUSSEAU, Sandrine. *Du balai. Essai sur le ménage à domicile et le retour de la domesticité*. Paris: Raisons d’Agir, 2011.

DEVI, Uma; ISAKSEN Lise Widding; HOCHSCHILD, Arlie R. La crise mondiale du *care*: point de vue de la mère et de l’enfant. In: FALQUET, Jules (et al.). *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*. Paris: SciencesPo, 2010, p. 121-135.

FALQUET, Jules. Hommes en armes et femmes “de service”: tendances néolibérales dans l’évolution de la division sexuelle et internationale du travail. In: FALQUET, Jules (et al.). *Travail et mondialisation: Confrontations Nord/Sud. Cahiers du Genre, no 40*. Paris: L’Harmattan, 2006, p. 15-38.

FALQUET, Jules (et al.). *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*. Paris : SciencesPo, 2010.

FEDERICI, Silvia. Reproduction et lutte féministe dans la nouvelle division internationale du travail. *Cahiers genre et développement*, 3, 2002, p. 45-69.

HANDERSON, Joseph. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haïtiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

\_\_\_\_\_. «Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haïtianas», *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, jun, 2015b, p. 51-78.

GALERAND, Elsa e KERGOAT, Danièle. Le potentiel subversif du rapport des femmes au travail, *Nouvelles Questions Féministes*. Vol 27, No 2. 2008, p. 67- 82.

GAULEJAC (de), Vincent e LÉONETTI, Isabel Taboada. *La lutte des places*. Paris: Desclée de Brouwer, 1994.

GLENN, Evelyn Nakano. De la servitude au travail de service: les continuités historiques de la division raciale du travail reproductif payé. In: DORLIN, Elsa (org.). *Sexe, race, classe, pour une épistémologie de la domination*. Paris, PUF, 2009, p. 21-70.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Division sexuelle du travail professionnel et domestique. Brésil, France, Japon. In: HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa e MARUANI, Margaret (org.). *Travail et genre: regards croisés*. Paris: La Découverte, 2008, p. 197-209.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Le nouvel or du monde. In: BACHMANN, Laurence (et al.). *Famille-travail: une perspective radicale? Nouvelles Questions Féministes Volume 23, N° 3, 2004*. Paris: Antipodes, 2004, p. 59-74

HONNETH, Axel. *La société du mépris*. Paris: La Découverte, 2006.

HOURS, Bernard. *L'idéologie humanitaire ou le spectacle de l'altérité perdue*. Paris: L'Harmattan, 1998.

JEAN-FRANÇOIS, Lenz. *Comment devenir "je" dans un monde qui vous met hors-jeu? Le défi de la construction d'un individu-sujet chez les jeunes du Bel-Air (Port-au-Prince, Haïti) de 1986 à 2006*. Thèse de doctorat sociologie. Université Paris-Diderot. Paris: 2011.

JACKSON, Regine O. The uses of diaspora among Haitians in Boston. In: JACKSON, Regine O. *Geographies of the Haitian Diaspora*. New York: Routledge, 2011, p. 135-162.

JOSEPH, Rose-Myrli. L'eau et les femmes dans la division du travail: de la corvée à l'esclavage domestique. In: *Eau et féminismes: petite histoire croisée de la domination des femmes et de la nature*. Paris: La dispute, 2011, p. 167-189.

JOSEPH, Rose-Myrliè. *L'articulation des rapports sociaux de sexe, de classe et de race, dans la migration et le travail des femmes haïtiennes*. Thèse de doctorat. Université Paris 7 et Université de Lausanne, 2015.

LAËTHIER, Maud. *Etre Haïtien et migrant en Guyane française*. Thèse de doctorat. EHESS. Paris: 2007.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil*. Imigrantes brasileiros em Nova York. Tradução Luzia A. de Araújo e Talia Bugel. Campinas: Papirus, 1994.

MASSON, Sabine. Sexe/genre, classe, race: décoloniser le féminisme dans un contexte mondialisé. *Nouvelles Questions Féministes*, 25 (3), 2006, p. 56-75.

MINTZ, Sidney W. Standards of Value and Units of Measure in the Fonds-des-Nègres Market Place, Haiti. *The journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 91 (1), 1961, p. 23-38.

MOLINIER, Pascale. La haine et l'amour, la boîte noire du féminisme?. Une critique de l'éthique du dévouement. In: BACHMANN, Laurence (et al.). *Famille-travail: une perspective radicale?* *Nouvelles Questions Féministes Volume 23, N° 3*, 2004. Lausanne: Antipodes, p. 12-25.

MOONEY, Margarita (2007). Structures de médiation et intégration des immigrants haïtiens à Paris, *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], vol. 24 - n°1 | 2008, mis en ligne le 01 avril 2011, consulté le 07 novembre 2015. URL: <http://remi.revues.org/4300>

MOUJOURD, Nasima. *Migrantes, seules et sans droits, au Maroc et en France: Dominations imbriquées et résistances individuelles*. Thèse de doctorat. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), 2007.

MOUJOURD, Nasima. Effets de la migration sur les femmes et sur les rapports sociaux de sexe : au-delà des visions binaires. In: FALQUET, Jules (et al.). *Femmes, genre, migrations et mondialisation: un état des problématiques*. *Les cahiers du CEDREF*, 2008, p. 57-79.

NEIBURG, Federico. Imaginary Moneys and the Popular Economy in Haiti. Submitted to *American Ethnologist*, 2013.

PALMIERI, Joëlle. *La résistance mondiale des femmes au libéralisme*. (En ligne, ref du 03 juin 2007), 2002.

PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PIERRE-LOUIS, Berthony. *La migration haïtienne en France et ses répercussions dans la région d'Aquin*. (Thèse de Doctorat) Université Paris 7, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SALAZAR, Parreñas Rhacel. Migrant Filipina domestic workers and the international division of reproductive labor. *Gender & Society*. Vol. 14, N° 4, 2000, p. 560-581.

TALAHITE, Fatiha. Genre, marché du travail et mondialisation. In: FALQUET, Jules (et al.), *Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail*. Paris: Les Presses Sciences Po, 2010, p. 43-56.